



RAFTATT.

Em um fertil valle da Alemanha Rhenana, rodeado de uma vasta cadêa de montanhas sem vegetação e de côr escura, acha-se situada Raftatt, pequena povoação d'escassa importancia pela população, mas notavel pelas fortificações que a rodeiam e lhe dão a consideração d'uma praça importante. A nossa estampa representa a povoação pelo lado por onde offerece uma vista mais completa.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo XVII.*)

Continuação.

IV

TOBNA-VIAGEM.

Reinava a paz em Macau: depois dos soccorros militares que haviam prestado os seus habitantes ao imperio chinez, adquirindo assim a complacencia dos mandarins; e já desassombrada a cidade de todo o receio das invasões de hollandezes, que bem escarmentados haviam sido em duas tentativas de conquista, alguns annos an-

tes: tratavam unicamente agora os macaenses da sua labutação commercial, e não negavam galsalbedo a quem quer que ali aportasse, carecendo de protecção e abrigo.

D. Catharina, a joven esposa do principe de Arracam, não chegara a succumbir á fome, á sêde e aos trabalhos de todo o genero d'aquella horrivel viagem; e encontrou, com seu marido, todas as commodidades para se restabelecer, sob o tecto hospitaleiro de um dos vereadores do senado de Macau, o velho Thomaz Vieira, que já fôra o terror dos batavos.

O missionario do Japão foi alojar-se com os seus irmãos da companhia de Jesus, em quanto não seguia a estrada do martyrio; Bastião de Moraes foi hospedado pelo capitão geral; o dispenseiro Gil Corrêa foi recebido no tronco pelo carcereiro, que lhe fez lançar grossas algemas, segundo a ordem que recebera do senado; e o resto da tripulação da nau, continuou a viver a bordo, salvo uma ou outra excursão que faziam até a *Pedra da Paciencia*.

O galeão, ancorado no porto interior de Macau, corrigia de novo as avarias, seu invariavel destino em todos os portos que afferrava!

Deixemos porem, momentaneamente, as ribas do mar, cuja vista talvez já fatigue de mais os nossos caros leitores; e caminhando terra a den-

tro (não para muito longe, porque o circuito de Macau é assaz limitado!) demos entrada na opulenta casa do nosso Thomaz Vieira.

Que é isto!... Lagrimas de naufragos no porto de salvação!...

Ah! são choros de alegria!

Como o filho prodigo, menos as culpas d'aquella, a formosa D. Catharina apparecera, sem ser esperada, na casa paternal. Apenas contara a sua singela historia, como a ouvira em Cochim, de haver sido arrebatada de Macau por um capitão de navios, que a levava á India para a fazer christã; repetindo o seu primitivo nome chinez, que trocara na pia do baptismo pelo de Catharina, ergueu-se o ancião, o bom Vieira, apertando-a nos braços, e exclamando:

— Aton!... Aton é o teu nome?... Minha querida filha perdida!

E uma *tancar*, de meia idade, com seu alto penteado e sua cabaia azul, saiu ao mesmo tempo de um aposento interior, e lançando-se aos pés da joven chineza, bradou tambem, beijando-lhe as mãos:

— Aton!... Minha filha... achada!

D. Martinho contemplava em religioso silencio este bello quadro de familia.

Tão inesperado encontro parecerá phantasia de novelleiro, mas não é; o caso passou-se assim como o estamos contando.

Depois dos abraços e beijos correspondentes a tão feliz achado, o honrado Vieira tratou de reconhecer legalmente Aton como sua filha, e destinou logo o dia em que havia de casar com *Athoy*, a mãe de D. Catharina, para que esta se não envergonhasse do seu nascimento, e fosse sua natural e legitima herdeira. A china mãe já era christã, mas não mudara ainda o traje nacional pelo europeu, o que fez agora, para ir á igreja contrahir o sacramento do matrimonio, levando pela mão, a sua Aton, a filha querida das suas entranhas.

A 28 de Fevereiro do mesmo anno de 1651, estando de todo descarregado o galeão Enxobregas das preciosas mercadorias que trouxera da India, e abarrotado de não menos importante carga de sedas, charões e artefactos de marfim e madreperola, soltou as velas ao vento (que para aquella gente era quasi sempre o vento da adversidade!) e largou do porto de Macau, conduzindo de novo a seu bordo os conjuges D. Martinho e D. Catharina, que, com muitas lagrimas, dirigiam um derradeiro olhar para a cidade, d'onde lhes acenavam com os lenços o bom Vieira e sua esposa, desejando-lhes de coração a *boa viagem!*

Se, por um lado, a joven Aton ia satisfeita por haver encontrado a sua familia, e por pae um honrado commerciante; por outro lado sentia a dôr da ausencia, depois de tão breve estada no lar paterno. Tambem D. Martinho desejaria ir ver as plagas onde nascera, porém o reino de Arracam ficava fora da derrota da nau, que voltava directamente a Goa. Entre tristes e satisfeitos, os dois esposos contemplavam em silencio a amplidão

dos mares, quando a noite estendeu sobre elles o seu funereo crepe; e invocando a Virgem:

Ave, maris stella!

foram repousar, confiados na sua protecção.

Com alternativas de melhor e peor tempo, veiu o galeão navegando por aquelle amplo mar da China; quasi sempre com vento do quadrante nordeste, e vagalhão, até avistar a *Pedra Branca*, e penetrar no estreito de Malaca.

D'ahi por diante foi apanhando algumas samatras de pouco peso, e com mais ou menos panno, sempre á *trinca* por achar ventos escassos, galgou finalmente o *Pulo Pinão*.

A navegação que continuou a fazer até Goa, foi aproximadamente pelas mesmas paragens da ida para Macau; e sem notavel accidente surgiu no ancoradouro da *Aguada*, a 12 d'Abril do mesmo anno.

Desembarcou ali grande parte do carregamento da China; e não carecendo de concerto algum o galeão (coisa rara!) abarrotaram-lhe o porão com tres mil quintaes de pimenta, e ficou de novo *lestes* a navegar.

Por esses dias chegou a Goa a noticia de que o conde de Aveiras, João da Silva Tello de Menezes, que voltava segunda vez á India como visorei, havia fallecido na viagem; e achando-se D. Filippe Mascarenhas a governar aquelle estado desde 30 de Dezembro de 1645, e ja mui alquebrado pela doença, resolveu abrir a via de successão, que vinha do reino com o novo visorei, onde se acharam designados para lhe succeder na governança o arcebispo primaz do Oriente, D. Francisco dos Martyres, e dois fidalgos que serviam na India, Antonio de Sousa Coutinho, e Francisco de Mello e Castro. Então o velho D. Filippe não hesitou em fazer entrega do mando aos tres homens designados por el-rei para substituirem a falta do conde de Aveiras; o que teve logar em Goa, com toda a solemnidade, no dia primeiro de Junho; embarcando-se em seguida o ex-visorei para bordo da nau Enxobregas.

O nosso antigo conhecido Ruy da Cunha tambem embarcou no mesmo galeão, preso, por causa de certos capitulos que levantara contra elle o feitor da capitania de Cananor; e seguia-o sua esposa, a fiel companheira de seus prazeres e desditas.

No outro dia, por volta das oito horas da manhã, suspendeu do porto de Goa a nau d'el-rei, ao som da artilharia das fortalezas, que saudava o antigo governador na despedida, e da artilharia do navio, que agradecia em seu nome os cumprimentos da cidade.

Ao pavoroso som da artilharia

A nautica celeuma se mistura,

Em negro rolo o fumo ao ar subia,

Tapando a luz ao sol brilhante e pura:

Da reconcava, agreste penedia

Se repercute o ecco, o mar murmura;

Incha as velas o vento, a chusma exulta,

E fica a terra no horisonte occulta. (•)

(*) J. A. de Macedo: O Oramento, poema.

O galeão vinha muito carregado e avolumado, por causa da ambição dos officiaes de mar e dos passageiros, e por não haver n'aquella monção outra nau que trouxesse especiaria para o reino. Tambem inclinava para estibordo pelo mal alastrado da carga, o que tudo o fazia pouco boiante, ronceiro, e de mau governo.

Logo á saída de Goa começaram a dividir-se as opiniões sobre a derrota a seguir: uns queriam trilhar a carreira velha, por fóra de S. Lourenço; outros a nova, pelo canal de Moçambique.

Esta ultima é que prevaleceu; porque o visorrei vinha muito doente, e desejava tocar em todos os portos de escala, para comprar refrescos.

Dando pois resguardo aos baixos, de que são muito sujos aquelles mares, veiu o galeão Enxobregas avistar *Cabo Delgado*; e correndo ao longo da costa, na conveniente distancia, lançou ferro na barra de Moçambique.

Depois de uma demora de alguns dias, e tomando os necessarios refrescos, fez-se de novo ao largo a embarcação, em demanda do sempre temeroso cabo das Tormentas!

A lista dos passageiros havia sido augmentada em Moçambique com a formosa Magdalena e o gentil Luiz de Brito, que já tencionavam voltar ao reino aquelle anno, e que muito satisfeitos ficaram de ir em companhia de Ruy da Cunha e D. Leonor.

Escusado é dizer que se travaram intimas relações de amizade entre estas senhoras e D. Catharina, pois que na estreiteza de um navio não podem haver pessoas desconhecidas umas das outras, ou indifferentes entre si. A bordo reina sempre ou a amizade ou o odio de individuo para individuo.

Logo veremos que funestos resultados teve aquella intimidade entre as duas familias.

Sigamos por ora a esteira do Cabo, acompanhando o galeão por entre o *baixo da Judia* e a ilha de Madagascar; e afastando os olhos do interior do navio, contemplemos o ceo que se apresenta escuro e pesado, e os horisontes que se rasgam em fuisis.

O vento salta com furia de quadrante em quadrante; tomam-se as velas; e um rijo furação do noroeste traz o galeão em arvore secca á dar vista do *Cabo das Correntes*.

Aproveitando depois um salto de vento ao nordeste, o piloto, que não desamparava a *cadeira*, foi-se amarando com a nau, para ir tomar a altura do Cabo da Boa Esperança, em grande distancia da costa, visto que os hollandezes se haviam apoderado da *Aguada de Saldanha*, depois que o Enxobregas por ali havia passado, na vinda para a India.

Com este vendaval appareceu alguma agua na bomba, e pequenas avarias na mastreação: a mais importante foi render o gurupez pelo *papa-mosca*; mas lá a atamancaram como poderam. Na forma do costume de todas as naus

da India, alijou-se ao mar muita carga, e o navio ficou mais boieiro e doce de leme.

Emfim, a 16 de Julho ao meio dia, achavam-se na latitude das ilhas de Tristão da Cunha, porém muito a leste; d'ahi soltaram o rumo direito a *Cabo Negro*.

Em quanto se aproxima lentamente o galeão dos socegados mares tropicaes, vamos nós informar o leitor do que se passa n'aquelle recinto, tão acanhado para tanta gente, e que tantos peccados albergava!

Ninguem está contente com a sua sorte n'este mundo de enganos e tribulações! O mandamento da lei de Deus que prohibe desejar a mulher do proximo, foi duplamente violado a bordo do galeão com publico escandalo; e quem sabe tambem quantas vezes o foi em particular!... Porém o castigo do Senhor, severo e prompto, não se fez esperar; caiu logo sobre a cabeça dos peccadores, como uma espada de justiça, applicando-lhes a pena de Talião.

Luiz de Brito, que casara por paixão com D. Magdalena, começou agora a achar mais graça nos olhos pequenos, mas negros e vivos, de Aton, do que no meigo olhar das azuladas pupilas de sua esposa; mais donaire no talhe esbelto porém breve de Catharina, do que na figura alta e magestosa da sua consorte; mais encanto no pesinho acanhado da chineza, do que no pé comprido e estreito (como o da Venus antiga) da filha de Ruy da Cunha...

Mas, em compensação, D. Martinho, que desposara Catharina sem nome de familia, sem dote, sem protectores, captivado unicamente da sua belleza, tambem descobria agora mais formosura no rosto oval de Magdalena, do que nas faces proeminentes da filha de Vieira; mais formosura nos cabellos loiros cendrados da esposa de Brito, do que nas bastas e negras madeixas da sua propria mulher; mais mimo na alva cutis da portugueza, do que no gracioso moreno da oriental...

E, sem se aperceber de tal, Magdalena de Brito encontrava um prazer, novo para ella, na conversação do principe de Arracam, que lhe referia as façanhas cavalleirosas de seus reaes avós, e as proprias no mar e na terra; em quanto seu marido, desde que passara a lua de mel, só lhe fallava do resgate do oiro e do marfim, do preço da pimenta e da canella: contemplava o rosto bronzeado de D. Martinho, com todo o brilho do sol oriental, e, mau grado seu, achava-o mais varonil e franco do que o do negociante-guerreiro, outr'ora branco de neve, mas hoje amarellecido, ou antes esverdeado pelas febres de Moçambique e Sofala: emfim lastimava no intimo do seu coração aquelle principe indiano, por haver desposado a filha de uma *tancur* (barqueira), pois sempre ouvira dizer a seus parentes navegadores, que era aquella a ultima raça das mulheres chinezas...

Ai, tambem Catharina fazia comparações en-

tre Luiz e Martinho... e não eram ellas nada favoraveis ao seu consorte!

O orgulho do principe humilhava a descendente dos marinheiros, tornados negociantes em Macau; ao passo que, considerando-se europeia por seu pae, sentia em si uma certa superioridade sobre o indio, embora elle fosse neto de reis. Brito era portuguez de sangue puro; e esta lembrança seduzia Aton, que se sentia attrahida para elle por um iman desconhecido.

Era amor... amor adultero!... o que sentiam estes quatro entes?

Talvez. Quem o poderá dizer hoje, quando nada resta dos seus cadaveres?

Só Deus o sabe.

Porém cada um dos quatro comprehendeu o que se passava no coração, ou pelo menos no espirito dos outros tres...

Desde esse dia, as mulheres odiaram-se com todo o rancor de duas rivaes, com o torpe rancor de adúlteras!... Os homens mediram-se com furor, e sem dizerem de parte a parte uma palavra, levaram a mão ao punho das espadas!

D. Leonor, por sua prudencia, pôde evitar um conflicto vergonhoso entre Catharina e Magdalena. O visorêi impediu que as espadas saíssem das bainhas, e que houvesse a bordo um duello de morte entre D. Martinho e Brito.

Já então o mez de Julho tocava o seu termo; e ao descair de uma calmosa tarde dos tropicos, bradou da gavea do traquete o sota-gageiro:

«Terra, por barlavento da prôa!

Era o focinho do *Cabo Negro*, onde jaz o ultimo padrão das descobertas africanas de Diogo Cam.

Todos ficaram contentes a bordo, que vinham lassos da viagem, almejando repousar alguns dias, e refazer-se de mantimentos e aguada.

Pouco, porém, durou a alegria, porque o mesmo marinheiro tornou a bradar da gavea, annunciando outra nova bem diversa.

«Duas velas, por gilavento!

«Grandes ou pequenos barcos? perguntou o capitão.

«Grandes, e veleiros; parecem-me naus de *ingrezes* ou *framengos*.

«Toca a postos! gritou o capitão-mór.

«A minha espada! tragam-me a minha espada! disse o visorêi, que mal podia ter-se nas pernas, por effeito da doença.

«As nossas espadas! accrescentaram os dois cavalleiros rivaes, esquecendo momentaneamente os seus aggravos, para se unirem na defesa do pavilhão nacional.

As dez peças (cinco por banda) da tolda, foram logo guarnecidas com soldados e moços; outras tantas que havia na cobertura foram confiadas aos passageiros e escravos; e as duas meias-esperas da popa (guarda-lemes) ficaram confiadas exclusivamente aos fidalgos. Os pagens conduziam a polvora do payol para a bateria; e as mulheres, inclusivè as de alta nobreza,

encarregaram-se de acudir com agua aos combatentes sequiosos.

Em menos de meia hora tudo estava a postos e lestes; e já se enxergavam distinctamente os cascos dos dois navios, e as bocas das suas peças: eram naus de guerra, e procuravam o galeão.

«Icem a bandeira, e firmem-na com um tiro, bradou o capitão.

Assim se fez.

E os fogachos de dois tiros, seguidos do fumo e ribombo, responderam a este convite, em companhia do pavilhão neerlandez, que subia vagarosamente ao tope das naus.

O combate era inevitavel!

Continua.

F. M. BORDALO.

A JULIA.

Que noite, ó Julia, que serena e bella!
Cada uma estrella, recamando o ceo,
Que de mysterios não revela ao ente,
Que tristemente seu pensar lhe ergueu!

Como da lua, que illumina o Tejo
N'um longo beijo de pudico amor,
Os tenues raios vem florir, contentes,
O amor nos entes e no prado a flor!

Mais cresce o affecto na tristeza amena
Meiga e serena d'esta luz sem par!
Nasceu a lua para o casto goso,
E o sol perigoso pode o amor tornar.

O dia é bello! Mas o sol que inflamma
Da casta chamma faz tambem vólcano;
Seus raios queimam, e da lua os raios
Nem dão desmaios, nem tormentos dão.

Prefiro a noite; sinto mais com ella...
Faz-se mais bella, mais e mais seduz
A ingenua imagem da mulher amada,
Illuminada da saudosa luz!

Julia, não achas que tem mais poesia
Esta magia meigamente ideal,
Que o lume ardente que o infeliz viandante
Prostra arrogante no deserto areal?

Pallido o astro que do ceo nos mira
Nada te inspira, minha Julia, diz?
Beija-te a face e não te diz, vaidosa,
Que és tu formosa e que me vê feliz?

Oh! diz de certo, n'esse olhar eu leio
Quanto o teu seio revelar não quer;
Mas lua e noite, mais a brisa pura
Dão-me a ventura... de indiscretas ser.

Os olhos baixas, e sorris e calas...
Oh! mais que as fallas, tudo falla aqui!...
Tua alma é d'anjo, teu olhar divino
És meu destino, vivo só p'ra ti!

MENDES LEAL (ANTONIO).



A SERRA DE FOZ.

Sobre a serra de Leire, na provincia de Navarra, cordilheira inferior das do grande Pyreneo, na direcção E. a O. em que se acha esta serra, no extremo O., distante meia legua da villa de Lumbier, encontra-se uma abertura formidavel que rompe a dita serra, apesar de ser toda de rocha viva até á base: a profundidade será de seiscentas varas perpendicular, sua largura de quarenta, cuja perspectiva é, ao passo que rara e maravilhosa, digna de observar-se detidamente; porque á sua vista não se pode calcular como e em quantos seculos pôde o rio Irate formar semelhante abertura para passar ao lado S. de toda a grande montanha. Na verdade é um phenomeno surprehendente da natureza, que detem o homem e o obriga a contemplal-o com admiração.

Do lado N. d'esta serra acha-se situada a villa de Lumbier, pelas immediações da qual passa o rio Irate, que segue seu curso até tocar na serra que atravessa, e sae á parte S. sobre a estrada que vae de Sanguesa a Pamplona, unindo-se emfim nas immediações de Sanguesa ao rio Aragão.

A Foz ou rotura d'esta serra, feita pelas aguas do Irate, apresenta a rara perspectiva igual á gravura que damos. A esta grande obra da natureza, unica e admiravel no seu genero, dá-se no paiz o nome de Foz de Lumbier por estar muito proxima aquella villa.

Em 1527 construia-se na desembocadura do rio, na parte S. uma ponte que se chama do Diabo, e dava passagem para o caminho que tomavam os arreeiros de Jaca, e valles de Echo e Ansó, por onde faziam os seus transportes de Pamplona e S. Sebastião, evitando baixar a Sangue-

sa e passar o Aragão, para tomar d'ali a estrada que passa pela margem na Foz e ao S. d'ella.

Esta perspectiva dá logar a muitas reflexões, admirando-se o poder e sabedoria da natureza em todas as suas obras. Quantos milhões, quanto tempo teria empregado a arte para fazer outro tanto? Quantas vezes as aguas teriam devorado em seu caminho os povos da parte N., a não ter a sabia mãe commum determinado a sua sorte d'este modo, alcançando tal beneficio tambem a Sanguesa, porque o Irate, que se une ao Aragão já depois de sair em menor quantidade de aguas, impede, ao unir-se-lhe, o seu augmento de maneira a repetir-se outra inundação como a de 1787, que destruiu quatrocentas casas e fez perecer mais de quinhentas pessoas?

Em 1809 o general D. Francisco Espoz y Mina cortou a ponte do Diabo, quando situou o centro das suas operações entre Lumbier ou serra de Leire e os rios Irate e Aragão: desde aquella epoca conserva-se assim, como mostra a estampa.

Por ultimo, ño mais alto da montanha, que está em segundo logar, ha uma ermida que se chama da Trindade, para subir á qual se gasta hora e meia.

A Foz tem duas mil setecentas varas de comprimento N. a S., e cento setenta e cinco na maior largura; o rio ordinariamente tem de cinco a seis varas de profundidade; e a montanha a elevação de oitocentas varas acima do nivel do rio.

Quanto mais me adianto na carreira da vida, mais vejo que o trabalho é necessario. Com o andar dos tempos torna-se elle o maior dos prazeres e substitue todas as illusões que se perderam. — P. Corneille.

O EX-MOSTEIRO DE MATALLANA.

Conclusão.

Fundado o mosteiro e entregue aos monjes, devia pensar-se na construção de uma igreja digna da sua importância. E já que D. Tello e sua esposa tinham costeado a sua instituição, e cedido para ella o couto redondo com jurisdicção civil e criminal e mero imperio, a casa dos monarchas quiz concluir a opulenta fundação. E effectivamente, a rainha D. Beatriz de Suevia (filha do imperador, duque D. Philippe e de Irene Angela), primeira mulher do santo rei D. Fernando III, fez principiar a fabrica do templo no anno 1228. Mas a morte atalhou os pensamentos d'esta senhora, levando-a ao sepulchro em 1235, quando começava a obra. Teria talvez ficado n'esse estado, se a grande D. Berenguela, mãe do santo monarcha, não abraçara o empenho de sua nora. Fez pois continuar a construção, que se terminou felizmente, sendo abbade da casa Egidio. Em todos estes promenores concorda com o padre Florez a inscripção, existente entre os arcos da porta principal, e cujo theor é este em caracteres gothicos:

ANNO MILLESIMO DUCENTESIMO
VIGESIMO OCTAVO,
REGINA BEATRICE BONÆ MEMORIE CEPIT EDIFICARE
ECLESIAM, ET OBIT SUB
ERA MILLESIMA DUCENTESIMA SEPTUAGESIMA
TERTIA, ET EXTUNC REGINA
BERENGARIA CEPIT ECLESIAM FABRICARE:
ABBAS EJIDIUS.

Nos tempos do papa Leão X, no segundo anno da sua exaltação, sendo reis de Hespanha D. Isabel e D. Fernando, os Catholicos, e imperador de Alemanha Maximiliano XV, uniu-se este mosteiro á observancia de Castella, sob o reformador frei Valeriano de Olivença, e do abbade da casa frei Alonso de la Torre. Grandes e muitas eram as riquezas de Matallana em consequencia das numerosas e importantes doações de senhores e potentados. Alem da primitiva, feita por D. Tello, seu fundador, el-rei D. Fernando, na era 1261, mandou por um privilegio que não podessem entrar no couto, senhor, nem justiça que não fosse a do monarcha. Queixavam-se os monjes de que os senhores seculares lhes arrebatavam as possessões e rendas, sem mais direito que a sua lança e poder. Parece mais natural ter sido por effeito das revoluções intestinas ou das vicissitudes publicas; pois n'aquelle tempo de grandeza theocratica, seria mui perigoso ter pendencias com os monjes, acariciados pela corôa.

Na mesma era fez D. Affonso X, sendo ainda infante, uma doação ao mosteiro. D. Tello deu-lhe tambem a villa de Fuentes de Ungrillo, despovoada hoje. Em 1300, D. Martin Affonso, filho d'aquelle rei, e sua esposa D. Maria Mendez, confirmaram e renovaram a doação. Thereza Peres,

neta de D. Tello, senhora de Montealegre, Meneses e Villalba, doou tambem as suas possessões de Fuentes em 1333. O almirante D. Fadrique, primeiro no anno 1449, sendo abbade D. Garcia, deu tres mil *maravedis* de juro sobre as terras da sua villa de Palacios. E elle mesmo, em 1463, deu mais sete mil *maravedis* de juro, sobre as alcavalas da mesma. Além d'isso, os monjes tinham por outra doação seis mil *maravedis* sobre as terças d'ella. Outras doações de particulares se lhes fizeram em diversos tempos, de copiosos senhorios, rendas e pertenças, que por brevidade omitimos. As enumeradas bastam para provar a consideração e opulencia da cisterciense Mataplana.

Estava situado o mosteiro na confluencia das vertentes formada por uma porção de collinas, parte das quaes constitue a cadêa de Alcores, que corre pelo paiz a E. e O., e ao fim de um pequeno valle que desce do campo de Villalba, regado pelas silenciosas correntes do riacho Mijares, e guarnecido de alamos e freixos seculares. Esta melancolica alameda prestou pittoresco ingresso á portaria exterior, formada por um alçado de dois corpos doricos, atraz dos quaes se estendia um espaçoso atrio. O mais notavel do edificio era a igreja, pertencente á escola gothica, dominante n'aquellas epocas. Era um formoso cruzeiro, com immensas columnas, que sustentavam elegantes arcadas e abobadas elipticas. Além das naves principaes, que formavam o corpo principal do templo, corriam parallelas a ellas outras cintas secundarias, com detalhes do estylo germanico. O comprimento era de duzentos e dez pés, sobre cento vinte e tres de largura, e altura proporcionada. O côro era junto ao cruzeiro, e n'elle estava o magnifico orgão, uma das primeiras peças d'arte no seu genero. A porta do templo, que caía entre N. e E., constava de dois arcos de baixo gothico, sobrepujados por outro, e ornados com pilastras diagonaes ao gosto bysantino. Tinha o edificio dois formosos claustros com seus pateos e jardins: um dorico, e o outro jonico, de que demos o desenho. Constavam de dois corpos com elegantes columnas e pilastras, que sustentavam vistosas galerias de arcos semicirculares. Este foi construido em 1592, e aquelle em 1760. O restante do edificio correspondia em solidez e circumstancias de commodidade ás pretensões de seus possuidores.

Mas a epoca dos monjes passou. E o espirito do seculo, que dirige a sua actividade por outras vias ao impulso da civilisação, não pode considerar estas construcções senão como monumentos de estudo sobre o tempo antigo, e de meditação ácerca das coisas da terra.

Os magistrados julgam da justiça dos homens; a opinião publica julga da justiça dos magistrados.

A moda tem um tal imperio, que chega a zombar das leis do pejo, e da honestidade.

FABRICAS QUE TINHAMOS NO FIM
DO SECULO PASSADO.

A seguinte noticia, curiosissima sob todos os pontos economicos, e extrahida dos dados estatisticos officiaes, provará em que estado floresceram as artes entre nós, ha tres quartos de um seculo; e servirá para comparar com o nosso estado presente. Designamos as terras onde os productos se manufacturavam.

Abrantes. — Diversos tecidos de algodão simples, e com mistura.

Albarraque (immediações de Cintra.) — Chitas, e lenços estampados.

Alcanena (termo de Torres Novas.) — Sola, marroquins, e mais cortumes.

Alcobaça. — Cambraias lisas e lavradas; esguiões de todas as qualidades; lenços de cambraia lisos e lavrados; ruões de café; toalhas e guardanapos adamascados; acolchoados d'algodão; bombazinas d'algodão; fustões d'algodão; barretes d'algodão; meias d'algodão; velludos de algodão; velveretes d'algodão.

Alcolena. — Polvora fina e grossa.

Arguzello (comarca de Bragança.) — Grude.

Aveiro. — Baetilhas e pellucias d'algodão; linho; fustões; serafinas e varios tecidos d'algodão simples, e com mistura; loiça fina.

Azeitão. — Bombazinas d'algodão; fustões de algodão simples, e com mistura; velludos e velveretes; chitas e lenços estampados; fustões; baetilhas de lã estampadas, pelo que tinha privilegio exclusivo.

Alemquer. — Chitas e lenços estampados.

Batalha. — Grude.

Braga. — Sedas de matiz e lisas; fitas de seda, e galões, etc.

Bragança. — Diversos tecidos de seda, lisos e de matiz; algumas tinturarias de seda, etc.

Bucellas. — Chapeos finos.

Campo-Maior. — Sola, e mais cortumes.

Carnota. — Loiça fina.

Chacim. — Diversos tecidos de seda lisos, etc.; algumas tinturarias de seda, etc.; fiação de seda á piemonteza, e filatorio.

Chaves. — Chapeos finos e grossos.

Chellas. — Chitas, e lenços estampados, etc.

Coima. — Chitas, e lenços estampados; branquearia, e tinturaria, etc.

Cascaes. — Baetões; droguetes; cobertores de lã; limistes; pannos; silezias.

Coimbra. — Baetões; tecidos de seda lisos e de matiz; galões, e espiguilhas de oiro e prata, finos e falsos; fitas lisas e de matiz; loiça fina; cadinhos, etc.

Covilhã. — Agua-forte; baetas e baetões lisos; baetões de salpicos, no tear, e com agulha; droguetes, castores; pannos finos e ordinarios; silezias; serafinas; cobertores, e mais tecidos de lã; diversas tinturarias.

Covo (em Villa da Feira.) — Copos, garrafas, e mais vidros ordinarios.

Estremoz. — Loiça.

Bloas. — Chapeos finos.

Evora. — Chapeos finos.

Faro. — Sola e mais cortumes.

Freixo. — Diversos tecidos de seda lisos; diversas tinturarias.

Fundão. — Camelões; saetas; serafinas; tripes de lã.

Gaeyras (Obidos.) — Sola, e mais cortumes.

Guimarães. — Charneiras para livellas; fustões; lenços lavrados; toalhas e guardanapos adamascados e atoalhados; cutelaria, etc.

Juncal (Porto de Moz.) — Loiça fina.

Lapa (Villa da Feira.) — Papel ordinario e fino.

Leiria. — Grude; tecidos d'algodão.

Louzã. — Papel fino.

Lumiar. — Fitas de linho, e nastros.

Lisboa. — Diversos tecidos d'algodão, simples e com mistura de seda, linho, etc.; assucar refinado; bezeros, com privilegio exclusivo; camurças e pellicas, etc.; cortumes de sola, etc.; botões de casquinha; botões bordados; bandejas de ferro e cobre, acharoadas; bombas para fogos, e diversas machinas; brochas e sovelas para sapateiros; caixas de papelão, com privilegio exclusivo; caixas, leques novos, e concertados; cadeiras de palhinha; cal; caracteres para impressão; cartas para jogar; chapeos finos; chapas para musica, etc.; charneiras para livellas; charneiras para chapeos de sol; chitas e lenços estampados; doces de vidro para ornatos de mesas; espelhos; espiguilhas d'oiro e prata, finas e falsas; escovas de todas as qualidades; fios e palhetas d'oiro e prata, finos e falsos; folhetas para cravação de pedras preciosas, com privilegio exclusivo; folhetas para botões; ferragens para moveis; fundição de peças para relajos de torres; fitas lisas e de matiz; fitas de linho e d'algodão; livellas de latão; livellas de casquinha e de prata; ferrarias diversas; frocos; galões d'oiro e prata, finos e falsos; grude; instrumentos de cirurgia; lantejoulas; lacre; limas; loiça fina; marroquins; meias de seda; bolsas; barretes; cintas, e coifas de seda; obras de bijouteria; obras de cutelaria; obras de ourives; obras de funileiro; obras de latoeiro, de fundição, de lima, e de martello; obras de sirigueiros; obras de serralheiros; obras de torneiros, assim de metaes, como de marfim, madeiras, etc.; obras de surradores; ornatos d'oiro e prata, com embutidos e com pedras, assim para egrejas, como pessoas; oleados grossos, e para chapeos de sol; papel pintado e estampado; perolas falsas e de vidro; pentes de marfim, com privilegio exclusivo; diversas quincalharias de estanho e latão; relajos d'algibeira, de parede, e de torre; rendas d'oiro e prata, finas e falsas; rendas de seda lavradas no tear; tapeçarias; tornos de torcer seda; tinturarias de seda; vidros adiamantados e lavrados; verdete; charões.

Na real fabrica das sedas, entre toda a sorte de tecidos, distinguam-se as sedas brilhantes de matiz; cabaias á imitação das da Asia; canelez lisos, de matiz, e abrilhantados; canotões;

carlès; damascos rasos, e com oiro; espernegões; gorgorões lisos e de matiz; grodetus; garça; lenços; lhamas; lustrinas: nobrezas de matiz, com metaes, lavradas, lisas, de riscas, e abrihantadas; pellucias: primaveras; riços: sarjas lisas e lavradas; setins lisos, lavrados, de raminhos, de listas, matiz, salpicos, com metaes, e de ramos grandes; tafetás; tolotões; tiços; velludos lisos e lavrados a jardim.

Marinha Grande. — Vidros cristalinos e ordinarios para vidraças; adiamantar e lavrar vidros.

Moncorvo. — Fundição de ferro.

Mouta. — Sola, e mais cortumes; marroquins, etc.

Minho, Beira, e Traz-os-Montes. — Rezina extrahida dos pinheiros para deixar as madeiras semelhantes ás de Flandres.

Odemira. — Sola, e mais cortumes.

Povos. — Sola, e mais cortumes.

Pombal. — Chapeos finos.

Penafiel. — Baetões e pannos.

Pernes. — Limas; diversas obras de serralheria; ferramentas de carpinteiro; verrumas; teares de meias.

Panasqueira. — Loiça de fogo, semelhante á de Genova.

Portalegre. — Baetões; droguetes; pannos; silezias, e mais tecidos de lã.

Porto. — Assucar refinado: camurças, pellicas, e pergaminhos; diversos cortumes de sola; botões de casquinha; botões d'unha; bugias de cêra; chapeos finos; chitas e lenços estampados; folhetas para cravação; folhetas para botões; fitas lisas e de matiz; fivellas d'aço, ferro, etc.: galões d'oiro e prata, finos e falsos; grude; pannos de lã, finos e ordinarios; baetões e baetas; baetilhas; brins; lonas e meias lonas; loiça fina e de pó de pedra; meias de seda e cadarço; meias de laia, linha e algodão; obras de torneiro, assim de metaes, como marfim e madeiras; brilhantes de matiz; canelès; canotões; damascos rasos, e com oiro; espernegões; gorgorões lisos e de matiz; grodetus; lenços; lhamas; lustrinas; nobrezas; pellucias; primaveras; riços; sarjas; setins lisos, lavrados, de riscas, e de ramos; tafetás; tiço; velludos lisos e lavrados; troçal e retroz.

Rio de Mouro (Cintra.) — Chitas e lenços estampados.

Rio-Maior. — Loiça fina.

Sacavem. — Sola, e mais cortumes.

Sobral. — Tecidos d'algodão, tecidos de seda lisos e lavrados; fitas lisas e de matiz; cintas e lenços.

Setubal. — Rendas de linha; chitas e lenços estampados; sola e mais cortumes; sal.

Sete Rios (Bemfica.) — Chitas e lenços estampados.

Torres Novas. — Tecidos d'algodão; chitas e lenços estampados; azeite extrahido do bagaço da azeitona.

Trancão. — ~~Antas~~; camurças e carneiras; pellicas, etc.

Tagarro (Alcoentre.) Sola e mais cortumes.
Tires (Cascaes.) — Chitas e lenços estampados.

Tavira. — Tapeçarias.

Thomar. — Meias, cintas e barretes de seda; meias de laia e barretes; coifas e bolsas de seda.

Unhos. — Sola e mais cortumes; grude.

Vianna. — Sola e mais cortumes; caixas de sola; loiça fina.

Valbom (Porto.) — Atanados e mais cortumes.

Vallongo (Porto.) — Tecidos de seda; lisos e de matiz.

Villa Nova d'Alverca (Trancoso.) — Grude.

Villa Nova (Thomar.) — Sola e mais cortumes.

Estes os principaes productos, porque as terras apontadas se tornavam distinctamente commerciaes, que muitas outras industrias deixámos de enumerar. Em presença d'esta estatística official do anno de 1789, perguntamos se a nossa industria de hoje, especialmente a fabril, pode lançar injurias á do seculo passado?

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

O SILENCIO.

Pode dizer-se em geral, a respeito do silencio, que faltam motivos para fallar, mas nunca faltam para calar; isto é, que basta, para guardar silencio, não ter obrigação de fallar.

BREVE DISCURSO.

Cicero não teve em todo o decurso da sua vida momento de maior gloria, do que no dia em que acabando o seu consulado, e preparando-se para arengar ao povo, segundo era costume, lhe foi cortada a palavra pelo tribuno Metello, que queria insultal-o. Cicero havia começado a fallar n'estes termos: — «Eu juro... quando o tribuno o interrompeu, e então lhe declarou, que não lhe permittia arengar. O orador olhando então para o povo, reduziu o seu discurso ás seguintes palavras: — «Eu juro que salvei a patria!» Todo o auditorio como arrebatado exclamou: — «Nós outros juramos que disse a verdade.»

Se destruides o direito de propriedade, o trabalho será substituido pelo ocio; a actividade pela inercia; o estimulo pela indifferença; a terra ficará inculta; as artes em abandono; a industria sem alento; o commercio sem effeitos.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.